

A SAGA DA FAMÍLIA HONÓRIO COTA

Liduína Maria Vieira Fernandes*

RESUMO:

O escritor mineiro Autran Dourado registrou em seus romances e contos uma estreita ligação entre três gerações (Lucas Procópio - avô, João Capistrano - pai e Rosalina - a filha) da família Honório Cota. Escrevendo em pleno século XX/XXI, em uma linguagem bem elaborada, Autran imprime em seus textos sentimentos como anseios, desejos, angústias, amor e morte que perpassam as gerações dessa família. Através de suas narrativas o autor nos revela a realidade mineira do século XVIII, espaço-tempo que aparece como subtexto em suas narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: *Autran Dourado, romance, personagens.*

ABSTRACT:

The writer from Minas Gerais, Autran Dourado, registered a very close relation between three generations (Lucas Procópio - grandfather, João Capistrano - father, and Rosalina - the daughter) of the Honório Cota family. Writing along XX/XXI Centuries, with a much elaborated style, Autran impresses, on his writings, feelings such aspiration, desires, anguishes, love and death which cover generations of that family. By his narratives, the author reveals the Minas Gerais reality of the XVIII Century, a setting which can be seen as a subtext in his narratives.

KEYWORDS: *Autran Dourado, novel, characters.*

RÉSUMÉ:

L'écrivain de Minas Autran Dourado a mis dans ses romans et contes un étroit rapport entre trois générations:(Lucas Procópio - grand-père, João Capistrano - père et Rosalina - la fille) de la famille Honório Cota. Écrivant en plein XXe/XXIe siècles, avec un langage bien élaboré, Autran insère dans ses textes des sentiments comme l'anxiété, le désir, l'angoisse, l'amour et la mort qui traversent les générations de cette famille. À travers ses récits l'auteur nous révèle la réalité de Minas du XVIIIe siècle, l'espace-temps qui apparaît comme sous-texte dans dans ses récits.

MOTS-CLÉ: *Autran Dourado, roman, personnages.*

INTRODUÇÃO

Honório Cota é o sobrenome de uma família mineira que está presente em quase toda a obra de Autran Dourado. No entanto, a trajetória dos Cota é revelada lentamente a cada surgimento de uma nova narrativa desse autor.

O leitor só vai ter ciência dessa família com a leitura de pelo menos alguns contos e romances desse escritor mineiro que continua publicando livros de significativa importância para a literatura brasileira contemporânea.

Sempre que temos acesso ao lançamento de um novo título observamos que o artesão da palavra vem aperfeiçoando o seu fazer artístico num intenso exercício de *narrar e desnarrar, tecer e destecer, cerzir e descerzir* (sic) (DOURADO, 1978, p. 38), construindo sua narrativa ficcional de forma similar à feitura de um quebra-cabeça, onde partes vão se encaixando até formar um todo significativo.

Ao investigarmos a vasta produção de Autran Dourado notamos que alguns romances formam trilogias¹, construindo assim uma espécie de narrativa continuada. O entrelaçamento narrativo entre eles finaliza por construir uma só obra. “Na verdade, eu estou querendo fazer um livro só. Se você verificar, vai notar que meus livros são mais ou menos os mesmos. – tudo um problema de tecido, de intrincado tecido.” (COSTA, 1974, fl. 10). Um exemplo são os livros: **Ópera dos mortos**, que foi escrito em 1967; **Lucas Procópio**, em 1985 e **Um cavaleiro de antigamente** em 1992, que, apesar do intervalo cronológico, não perderam a unidade temática.

Nessas obras o autor aborda temas, dentre muitos outros, da solidão, da loucura, da morte e do tempo, de forma constante e muito particular em cada narrativa e, de modo menos constante, trabalha em alguns romances, como em **Os sinos da agonia** e **A Serviço del-Rei**, temas vinculados à história e à política numa perspectiva mítica, paródica e simbólica.

Escrevendo em pleno século XX/XXI, em uma linguagem bem elaborada, Autran imprime em seus textos sentimentos como anseios, desejos, angústias, loucura, amor e morte que perpassam as três gerações (Lucas Procópio - avô, João Capistrano - pai e Rosalina - a filha) dessa família. Através de seus textos o autor nos revela a

*Universidade Estadual do Ceará – UECE.

¹ O livro **Solidão solitude** é formado pela trilogia: **Três histórias na praia** (1955), **Três histórias na primeira pessoa** (1956) e **Três histórias no internato** (1957).

realidade mineira do século XVIII, espaço-tempo que aparece como subtexto em suas narrativas.

1 - O percurso dos Honório Cota

A geração da família Honório Cota vem dos tempos da decadência das Minas pelo rareamento do ouro de aluvião e ausência dos diamantes. Época em que são ambientadas boa parte das narrativas de Autran Dourado. Portanto dentre sua vasta obra fizemos um recorte selecionando os três romances (**Ópera dos mortos, Lucas Procópio** e **Um cavaleiro de antigamente**) citados anteriormente, por ser evidentemente nessas narrativas que vamos encontrar de forma mais completa características gerais e particulares de cada uma dessas personagens.

O romance **Lucas Procópio** inicia assim: "Os três vinham de longes paragens e distantes horizontes, léguas e mais léguas de uma viagem que parecia sem fim. (...) Vinham vindo, retardatários do desastre geral. Nascidos já na decadência das Minas e dos rios". (DOURADO, 1986, p. 13).

Uma dessas personagens é a estúrdia figura de Lucas Procópio que se destinava à fazenda do Capão Florido², junto do Arraial de Duas Pontes no Sul de Minas. Juntamente com ele seguia um negro conhecedor das veredas das matas densas por onde caminhavam, que se apresentava como um protetor dos perigosos encontros com possíveis negros quilombados; e um branco, feitor das lavras, que andava muito bem armado e tinha as feições duras. Dos três, Lucas era "a figura mais estúrdia jamais vista naquelas paragens. Era mesmo coisa de sarapantar, matéria de pura invenção, sonho de gente, figuração saída de gravura de livro antigo". (DOURADO, 1985, p.15). Seu figurino era:

Um misto extravagante, roupa de salão e botas que verdadeiramente não combinavam. Todo casquilho, na cabeça um chapéu de três bicos; calções de lemiste amarelo, casaca azul-turquesa toda debruada de dourados; a camisa com folhos e punhos de renda; a cabeleira terminando amarrada no rabicho por um laço de fita. (DOURADO, 1985, p.16).

Além da aparência Quixotesca causando espanto nas pessoas dos lugarejos por onde passava esse corajoso cavaleiro repetia, sem cessar, que, através da poesia, iria

² "Na verdade Mateus Romeiro Cota, pai de Lucas Procópio, nunca tomara posse da fazenda do Capão Florido; morava no Ouro Preto e tinha adquirido a fazenda quando viu que o ouro já escasseava nos rios e grupiaras, pensando em se mudar para o Sul de Minas e se dedicar à agricultura, mas a morte contrariou seus planos". (DOURADO, 1985, p. 7).

Ver se ressurgiam das cinzas a civilização perdida, as cidades mortas que, com a decadência da mineração, foram ficando pelos caminhos e descaminhos do ouro, quando os rios auríferos se recusavam a fornecer a mesma quantidade de ouro de antigamente, e as grupiaras e as minas cavadas no chão emudeceram, e se deu a diáspora mineira. (DOURADO, 1985, p.19).

O que lhe tinha transformado o juízo foram os livros de poesia da fase gloriosa das artes nas Minas Gerais. Das incansáveis leituras, passou a memorizá-las e a incorporar a possibilidade de uma vivência tal qual aquela época passada das riquezas auríferas.

Muitos acontecimentos e mudanças ocorrem durante a após suas andanças pelos Gerais. Por onde passou deixou marcas. Tornou-se conhecido pelo seu comportamento. "Com as mulheres a sua generosidade não encontrava limite. (...) Ele não se dava ao respeito, não escondia de ninguém as suas aventuras. Bebia dos finos vinhos às cachaças mais ordinárias. Brigava, se embriagava com freqüência. (DOURADO, 1985, p.101).

Na segunda parte desse romance a narrativa vai-se formando diante dos nossos olhos pelo traço de um perfil geral da família de Isaltina (futura esposa de Lucas Procópio), o apogeu e a ruína de seu pai o Barão das Dantas (Cristino de Almeida Sales) que para amenizar a sua falência negocia o casamento de Isaltina com Lucas Procópio.

Na noite de núpcias, Isaltina não tinha dúvidas de que "iniciara a sua longa infelicidade, o seu caminho de pedras". (DOURADO, 1985, p.104). Depois de casados, mantiveram uma convivência duradoura e conflituosa; nesse período nasceram os filhos: Teresa, Isabel (as duas morrem ainda crianças) e João Capistrano Honório Cota.

A personagem João Capistrano Honório Cota é o protagonista do romance *Um cavaleiro de antigamente* em que o narrador dá início ao primeiro parágrafo relembrando o passado de João:

A mais recuada e brumosa visão que João Capistrano tinha da sua infância era a de um homem grande, forte e espadaúdo, de sobranceiras grossas espetadas feito taturana, a barba comprida, as botas sujas de barro, vibrando um chicote no ar, descendo-o sobre sua mãe. Esse homem era seu pai, Lucas Procópio Honório Cota. (DOURADO, 1992, p. 7).

João ficou órfão aos dez anos, mas teve uma educação esmerada pela mãe, tornou-se um homem culto, "discreto, de natureza reservada". (DOURADO, 1992, p. 41). "De maneiras finas e muito polido, apesar de que de pouca ou nenhuma conversação, sempre falando baixo e medido". (DOURADO, 1992, p. 8). As boas

informações obtidas sobre o pai foi construídas pela mãe. “O que a senhora fez, além de tentar iludir a se própria, foi esconder o homem terrível, demoníaco e perverso que era Lucas Procópio”. (DOURADO, 1992, p. 77).

Mas a cidade toda conhecia as histórias dessa extravagante figura desde antes do casamento. Quando chegou em Duas Pontes construiu uma casa no Largo do Carmo em frente para a praça local de melhor visibilidade para toda a cidade. É lá que vão habitar os Honório Cota.

Quando João Capistrano decidiu construir a parte superior do casarão fez algumas exigências; uma delas era que não fizessem nenhuma mudança na parte da casa que foi construída por seu pai. O mestre de obras contratado para construção se espanta com a fala de João Capistrano: “Não derrubo obra de meu pai. O que eu quero é juntar o meu com o de meu pai. Eu sou ele agora, no sangue, por dentro”. (DOURADO, 1967, p. 4).

A sombra esfumada de Lucas Procópio é o que há de mais presente na alma de João Capistrano. Tentar expulsar este rastro da sua vida era destruir-se, era parar de viver. “Eu não quero um sobrado que fique assim feito uma casa em riba da outra. Eu quero uma casa só, inteira, eu e ele juntos para sempre”. (DOURADO, 1967, p. 4).

Quando João Capistrano falava, parecia voltar no tempo e dirigir-se a alguém que estivesse muito distante. Os gestos denunciavam a existência de uma comunicação muda entre ele e o pai. O olhar revelava o desejo da representação, de seguir com a fama de Lucas Procópio Honório Cota que ainda rendia histórias intermináveis. Havia, nitidamente, em João Capistrano o respeito e o orgulho de fazer parte da gente Honório Cota.

O mestre conversou com a população colhendo informações sobre Lucas Procópio para tentar construir o segundo pavimento da casa em total harmonia com a parte inferior, já que o sobrado devia conter a unificação da personalidade dos dois, fundir, numa só, as duas figuras. Quando ficou pronto, o povo da cidade pôde constatar que a imagem das duas pessoas estava registrada naquele sobrado: “Mas se atentar bem pode ver numa só casa, numa só pessoa, os traços de duas distintas: Lucas Procópio e João Capistrano Honório Cota. (DOURADO, 1967, p. 5).

O sobrado então ficou assim a parte de baixo feita de uma estrutura antiga revelava o caráter soturno de Lucas Procópio; o pavimento superior, de uma arquitetura mais leve e bem trabalhada, esboçava a personalidade de João Capistrano.

Hoje, o casarão é habitado por Rosalina, neta de Lucas Procópio e filha de João Capistrano.

O SENHOR querendo saber, primeiro veja: Ali naquela casa de muitas janelas de bandeiras coloridas vivia Rosalina. Casa de gente de casta, segundo eles antigamente. Ainda conserva a imponência e o porte senhorial, o ar solarengo que o tempo de todo não comeu. (DOURADO, 1967, p. 1).

O narrador inicia o discurso de **Ópera dos mortos** chamando a atenção para que todos vejam o sobrado e segue descrevendo minuciosamente as partes que o compõem: as janelas, as cores das janelas, as portas, o reboco, os tijolos, as vidraças, as cortinas, os peitoris e os detalhes da arquitetura exterior. Conhecer a estrutura interna do casarão é recuar no tempo e deparar com os antepassados dos Honório Cota.

O texto nesse romance se faz sob a ótica do leitor que olha o sobrado. O resgate do espaço, servindo à intimidade da família Honório Cota, é o caminho pelo qual Autran Dourado faz passar suas personagens. O espaço então é por demais significativo, pois possibilita a concretização da memória. É pelo sobrado enquanto espaço que as lembranças do tempo do avô e do pai de Rosalina se presentificam.

Desde que João Capistrano morreu Rosalina vivia isolada, solitária, voltada para o passado, imersa no mundo dos mortos, repetindo os modos e realizando os desejos do avô e do pai. O casarão registrava em todos os lugares a presença dos dois. A história do sobrado era a história da sua gente. Assim vivia Rosalina, perseguida por fantasmas do passado, por sombras que pesavam feito destino traçado. Rosalina, nem por alguns instantes, conseguiu ser ela mesma: ter uma personalidade própria diferente da do pai e do avô. Ela vivia perseguida pela sombra dos Honório Cota.

Quem sabe Lucas Procópio não morreu de todo, vivia ainda dentro dela? Ela semente de Lucas Procópio. (DOURADO, 1967, p. 109). Rosalina tinha puxado mesmo era àquele coronel João Capistrano Honório Cota, cuja grandeza, orgulho e silêncio muito nos amarguravam o remorso pisado. (DOURADO, 1967, p. 82). Eu, João Capistrano Honório Cota. (DOURADO, 1967, p. 110).

Após abrigar e conseqüentemente se relacionar com um forasteiro, preguiçoso, mentiroso e falador, cujo nome é José Feliciano, Rosalina revela no comportamento a herança dos antepassados. A herdeira dos Honório Cota era dividida em duas: "Ela lhe dava a impressão de duas numa só. Às vezes mais de uma, tão imprevista nos modos, nos jeitos de parecer. Um ajuntamento confuso de Rosalinas numa só Rosalina. (DOURADO, 1990, p. 98).

Nas noites quando ardia em desejo, era igualzinha ao avô. Homem de sexualidade aguçada, erotismo explícito. Lucas Procópio era do mundo, das mulheres, da Casa da Ponte, dos despropósitos, um sem lei. Mas “de dia ela era outra. De dia ela era a dona Rosalina de sempre, a sua patroa.” (DOURADO, 1990, p. 170). Assumia a personalidade do pai, séria, comedida, retraída, sóbria, sem muitas palavras. Essa herança antagônica de seus antepassados dificultava o encontro consigo mesma. Quanto mais tenta unir essas personalidades contraditórias dos seus mortos mais se desestrutura, entregando-se à loucura.

Ópera dos mortos, Lucas Procópio e Um cavaleiro de antigamente, como já foi dito, formam uma trilogia. Muitas passagens/cenas, como também as personagens centrais (Lucas Procópio Honório Cota, João Capistrano Honório Cota, Rosalina, Isaltina Sales Cota e Dona Genu) desses romances foram reaproveitadas nos contos (Ex: “Retrato de Vítor Macedônio”, “Queridinha da família” e “Noite de cabala e paixão”, do livro **As imaginações pecaminosas**) e em outros romances (Ex: **Monte da alegria, A Serviço Del Rei, Novelário de Donga Novais**).

O domínio do clã dos Honório Cota vem de tempos remotos mas sua evidência deveu-se sobretudo ao caráter insólito de Lucas Procópio que imprimiu fortes marcas nas gerações futuras. “Todo mundo que nasce em terras de seu Lucas Procópio tem o jeito dele. Quando não na cara, no feitio, na fala”. (DOURADO, 1967, p. 14). A presença dominadora da família é materializada no sobrado. Espaço este que é admirado e temido pelo povo da cidade por revelar a história da família mais conhecida pelos interiores de Minas Gerais.

CONCLUSÃO

Acompanhar a trajetória das três gerações da família Honório Cota é mergulhar no extraordinário universo narrativo autraniano que vai nos permitir conhecer a elaboração artesanal de cada personagem passando pelos gestos, olhares, inquietações, desejos, loucura e morte. Esta última, presença constante nas três narrativas, pontuou o cotidiano de toda essa família mineira.

O rigor de Autran para com o texto é tanta que após a conclusão de um livro, ele o retoma imediatamente e procede a inúmeras modificações, visando dessa forma à ruptura com a estrutura tradicional desde, pois, trabalhar a narrativa em bloco, mudando a ordem dos capítulos, alterando a pessoa e o tempo dos verbos, alterando

o emprego dos substantivos e adjetivos, criando o “flash-back”, fazendo com que o romance ganhe em movimento e plasticidade.

Portanto, o processo de construção e desconstrução de personagens, especificamente da família Honório Cota, nos romances em estudo funciona como recurso utilizado pelo autor para melhor realizar sua narrativa labiríntica e dar ao texto uma dimensão valorativa na escala dos grandes autores da ficção brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CANDIDO, Antonio e outros. **A personagem de ficção**. 5ª ed., S. Paulo: Perspectiva, 1975.

COSTA, Flávio Moreira da. “Questões de vida e de morte”. São Paulo: **Opinião**, 1 de novembro de 1974.

DOURADO, Autran. **Ópera dos mortos**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. **Três histórias na praia**. Rio de Janeiro: Serviço de Divulgação, Ministério de Educação e Cultura, 1955.***

_____. **Nove histórias em grupos de três**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.***
(Prêmio Arthur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro).

_____. **Solidão solitude**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. **O risco do bordado**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

_____. **Solidão solitude**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

_____. **Novelário de Donga Novais**. Rio de Janeiro: DIFEL/Difusão Cultural, 1978.

_____. **Os sinos da agonia**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

_____. **Lucas Procópio**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

_____. **A serviço del-Rei**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____. **Um cavaleiro de antigamente**. São Paulo: Siciliano, 1992.

_____. **Uma poética de romance: matéria de carpintaria**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **Breve manual de estilo e romance**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

*** Integrado no volume **Solidão solitude**.

SEGOLIN, Fernando. **Personagem e anti-personagem**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.